

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 39

2021

Nº 237

MAIO - JUNHO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Rua das Pedralvas, nº. 1-A	Recordando Allan Kardec	3
1500-487 Lisboa	Bem-aventurados os ...	5
Telefone : 217 647 441	O mundo de regeneração	7
	Prece por Procuração	9
*	Espiritismo: Progresso e ...	12
Director Responsável :	Senhora! (Poema)	22
	Um conto de vez em quando	23
Manuela Vasconcelos	Amor e Verdade	25
	Divagando	27
*	Poema	30
Distribuição Gratuita	Actualidade	31

*

EDITORIAL

Maio, mês de flores, mês de Maria...Junho... 6º. Mês do calendário, mês da comemoração de mais um aniversário da nossa Casa!

E temos, assim, dois meses sobre que dissertar, e se o de Maio nos parece muito importante por ser o mês dedicado a Maria de Nazareth, a Mãe que Jesus nos doou nos momentos finais da sua estadia na Terra, no meio de um sofrimento que, com certeza, nenhum de nós conseguiria suportar, o mês de Junho faz-nos regredir no tempo, nas nossas recordações, para “revivermos” a abertura da nossa Casa – embora o Grupo já existisse há alguns anos e só depois de todos nos prepararmos, com o estudo e o conhecimento que se faziam necessários, as instalações apareceram e a COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA tornou-se uma realidade. Com personalidade jurídica desde 1981, inaugurámos a nossa Casa num domingo soalheiro, com muitos amigos presentes, a 17 de Junho de 1984!... e a provar que as paredes nada significam estivemos, nos 4 anos de preparação, na R. Alves Redol; depois, a partir da abertura do Centro, na Ferreira Lapa, donde nos mudámos, mais tarde, para a Calçada do Tojal e, finalmente, na morada que ora utilizamos, na R. das Pedralvas! E embora pareçamos um caracol, com a casa às costas, o sucedido foi sempre tendo em vista a melhoria das nossas instalações.

Das obras que foram sendo feitas por onde passámos, quase que nos ficou um diploma de ‘mestre de obras’, mas algo

nos diz que, agora, onde estamos, é mesmo para ficarmos... e oxalá que assim seja, pois já nos sentimos cansados de tanto projectar e concretizar! Mas, se for preciso, ainda somos capazes de “arregaçar as mangas” e recomeçar!

De todos estes anos, fica-nos a certeza de tentarmos sempre dar e fazer o nosso melhor e se algumas vezes falhámos – e com certeza que o fizemos, pois somos ainda imperfeitos – tentámos, depois, melhorarmos, para seguirmos em frente procurando, sempre, ser úteis a todos aqueles que nos batam à porta que, aliás, está sempre aberta para todos os que nela queiram entrar..

Conforme costumamos dizer, brincando, “fizemos um contrato com Deus, que só será rescindido quando Ele o quiser”; até lá, continuaremos tentando o nosso melhor dentro das possibilidades que vão ou forem surgindo...

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

Comentários sobre os Messias do Espiritismo

(Conclusão)

Pouco importa, pois, o número dos messias; só Deus sabe o que é necessário. Mas o que é indubitável é que ao lado dos messias propriamente ditos, Espíritos Superiores, em número *ilimitado*, encarnar-se-ão, ou já estão encarnados, com missões especiais, para os secundar. Surgirão em todas as classes, em todas as posições sociais, em todas as seitas e em todos os povos. Havê-los-á nas ciências, nas artes, na literatura, na política, nos chefes de estado, enfim, por toda a parte onde a sua influência possa ser

útil à difusão de ideias novas e às reformas que serão a sua consequência. A autoridade de sua palavra será maior ainda, porque fundada na estima e na consideração de que serão cercados.

Mas, interrogarão, nessa multidão de missionários de todas as categorias, como distinguir os messias? Que importa se os distinguirmos ou não? Eles não vêm à Terra para aí se fazerem adorar, nem para receber as homenagens dos homens. Não trarão, pois, nenhum sinal na frente; mas, assim como pela obra se reconhece o artífice, dirão após a sua partida: Aquele que fizer a maior quota de bem, deve ser o maior.

Sendo o Espiritismo o principal elemento regenerador, importava que o instrumento estivesse pronto, quando vierem os que dele devem servir-se. É o trabalho que se realiza neste momento, e que os prece de pouco; mas, antes, é preciso que a grade tenha passado na terra para purgá-la das ervas parasitas que abafariam o bom grão.

É sobretudo o século vinte que verá florescerem os grandes apóstolos do Espiritismo, e que poderá ser chamado o século dos messias. Então, a antiga geração terá desaparecido e a nova estará em toda a sua pujança: a Humanidade, livre de suas convulsões e formada de elementos novos ou regenerados, entrará definitivamente e pacificamente na fase do progresso moral, que deve elevar a Terra na hierarquia dos mundos.

F I M

(Revista Espírita 1868, de Março. Ed. FEB/FEP).

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

Muitos tornam a inteligência instrumento de orgulho e perdição.

Graças te rendo, meu Pai, por haveres ocultado estas coisas aos doutos e por as haveres revelado aos simples. – JESUS. (Mt., 11:25).

Informam os Benfeitores Espirituais¹: (...) *enquanto o homem se perde nas subtilezas de uma metafísica abstracta e ininteligível, em busca das causas da nossa existência moral, Deus quotidianamente nos põe sob os olhos e ao alcance da mão os mais simples e patentes meios de estudarmos a psicologia experimental*".

Ensinam, também, que através dos sonhos, do sonambulismo e também do êxtase, que é o estado mais sensível de independência da Alma com relação ao corpo físico, o Espírito anda em giro pelas ilimitadas regiões do Infinito. Cerca-o, então, desusado fulgor, indefinível bem-estar o invade, inebriam-no harmonias que desconhece na Terra; goza antecipadamente das bem-aventuranças celestiais e pode-se mesmo dizer que pousa um pé no limiar da Eternidade. A pobre raça humana, corrompida pelo orgulho e egoísmo, ganha, assim, uma poderosa aliança com os habitantes do Mundo Espiritual.

Segundo Adolfo, Bispo de Argel², os Espíritos dizem, *"com a autoridade de suas experiências, quanto as vaidades e as grandezas da nossa passageira existência são mesquinhas a par da Eternidade. Dir-nos-ão que, lá, o maior é aquele que haja sido o mais humilde entre os pequenos deste mundo; que aquele que*

mais amou os seus irmãos será também o mais amado no Céu; que os poderosos da Terra, se abusaram da sua autoridade, ver-se-ão reduzidos a obedecer aos seus servos; que, finalmente, a humildade e a caridade, irmãs que andam sempre de mãos dadas, são os meios mais eficazes de se obter graça diante do Eterno".

Já Ferdinando³ adverte: "(...) *não vos ensoberdais do que sabeis, porquanto esse saber tem limites muito estreitos no mundo que habitais...*

Suponhamos sejais sumidades em inteligência neste planeta: nenhum direito tendes de envaidecer-vos. Se Deus, em Seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, é que quer a utilizeis para o bem de todos; é uma missão que vos dá, pondo-vos nas mãos o instrumento com que podeis desenvolver, por vossa vez, as inteligências retardatárias e conduzi-las a Ele. A natureza do instrumento não está a indicar a que utilização deve prestar-se? A enxada que o jardineiro entrega a seu ajudante não mostra a este último que lhe cumpre cavar a terra? Que diríeis, se esse ajudante, em vez de trabalhar, erguesse a enxada para ferir o seu patrão? Diríeis que é horrível e que ele merece ser expulso. Pois bem: não se dá o mesmo com aquele que se serve da sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da Providência entre seus irmãos? Não levanta ele contra o seu Senhor a enxada que lhe foi confiada para arrotear o terreno? Tem ele direito ao salário prometido?! Não merece, ao contrário, ser expulso do jardim? Sê-lo-á, não duvideis, e atravessará existências miseráveis e cheias de humilhações, até que se curve diante d'Aquele a quem tudo deve.

A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas, sob a condição de ser bem empregada. Se todos os homens que a possuem se servissem dela de conformidade com a vontade de Deus, fácil seria, para os Espíritos, a tarefa de fazer que a

humanidade avançasse. Infelizmente, muitos a tornam instrumento de orgulho e perdição contra si mesmos.

O homem abusa da inteligência como de todas as suas outras faculdades, e, no entanto, não lhe faltam ensinamentos que o advirtam de que uma poderosa mão pode retirar o que lhe concedeu”.

1 – KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. 88 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2006, q. 455.

2 – KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. 129 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2009, cap. VII, item 12.

3 – Idem, idem, cap. VII, item 13.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

O MUNDO DE REGENERAÇÃO

Com uma facilidade enorme e aparente para quem nos escute, vamos falando do mundo de regeneração em que a Terra se vai transformar e que (parece) está aí, cada vez mais próximo para cada um de nós. Mas, será realmente assim? Mereceremos nós, seres (espíritos) ainda tão imperfeitos, virmos a habitar, reencarnando, nesse mundo bem mais apaziguador que a Terra? E se fomos todos nós, com a nossa imperfeição, que fizemos do planeta que temos habitado esse mundo de egoísmo, intolerâncias, guerras, invejas – e tantas mais coisas negativas que não conseguimos ainda aniquilar no nosso verdadeiro EU e se manifesta sempre na nossa conduta – como poderemos ter a veleidade de continuarmos a ser terrenos num mundo melhor?!

Estas últimas oportunidades que o Senhor nos tem concedido para a nossa modificação, parecem gritar na nossa consciência:

- Modifica-te! Melhora-te! Não estás ainda cansado de seres tão imperfeito? Olha que a beleza que os espelhos te revelam é apenas física – não moral, não espiritual! Quantas oportunidades ainda o Senhor te deverá dar para compreenderes o que tens de fazer em teu próprio benefício?

E se, por vezes, a voz na nossa consciência não se chega a ouvir, outras vezes ela grita tão alto que consegue transmitir-nos a urgência da nossa modificação; então, olhamo-nos e ao que estamos a fazer, reconhecemos os nossos e procuramos melhorá-los, mas... se a vontade não é firme, breve voltamos ao mesmo, àquilo a que já nos acomodámos!

É como se o dia de Amanhã estivesse ainda muito distante no Tempo, mas ele pode estar já aí, nos próximos segundos, e depois... depois como será?

Vamos aproveitar o tempo que nos reste e de que ignoramos a dimensão: vamos deixar de procurar sermos educadores dos nossos filhos e netos e vamos começar, no imediato, a educar-nos a nós próprios!

O benefício, talvez não o reconheçamos agora, mas Amanhã, quando despertarmos numa nova reencarnação e nos reconheçamos no novo mundo regenerativo, talvez agradeçamos ao Senhor por termos sido capazes de concretizar aquele esforço extra – que nos parecia demasiado para as nossas capacidades, para as nossas forças e boa vontade...

Valeu a pena?

Como diz o poeta, “tudo vale a pena, se a alma não é pequena”! Então, comecemos já: metamos mãos à obra e sigamos em frente! Jesus está ao leme deste nosso barco que tantas tempestades tem enfrentado! Ele ajudar-nos-á sempre, como o tem feito até agora. É só mostrarmos, com a nossa conduta, que queremos melhorar-nos...

MANUELA VASCONCELOS

*

PRECE POR PROCURAÇÃO

*Oh, miséria humana, de quantas coisas
Te fazes escrava por dinheiro!* – **LEONARDO
DA VINCI.**

O reverendo T. L. Osborne, de Birmingham, Inglaterra, é, incontestavelmente, um homem de senso prático. Sob a alegação de que o homem moderno não tem tempo para nada, inventou um novo método de “salvação das almas”: a prece por procuração.

Ele mesmo, o piedoso clérigo, constituiu-se no único fiel procurador dos postulantes aos favores divinos. E quem mais credenciado para fazê-lo, senão um legítimo representante de Deus, com plenos poderes de ligar e desligar, atar e desatar, condenar e absolver?

Mas, como bom inglês, o reverendo não podia deixar de ter o máximo respeito pela máxima “Time is Money”, mesmo porque já estava assoberbado com os afazeres rotineiros da paróquia e haveria de dispendar seu ‘precioso’ tempo em serviço extra. Justificava-se: ‘Digno é o obreiro de seu salário’ (Lucas, 10:7).

Estava disposto, sim, a imprecicar as graças celestiais para os amados clientes. De graça, porém, isso não!

Estipulou o preço: 2 libras por cabeça. E choveram os fregueses. A indústria estava prosperando. Dentro de pouco tempo a ‘caixinha’ já havia amealhado a ‘bagatela’ de 300.000 libras.

Acontece que o deputado Wedggod desconfiou das boas intenções do sacerdote e resolveu processá-lo judicialmente. O processo deve estar correndo os trâmites legais e é de se esperar que seja punido o mercenarismo das preces por procuração.

Abordando o caso, informa Isidoro Duarte Santos, em “Estudos Psíquicos”:

“Alguns padres católicos chamaram caça-níqueis ao reverendo inglês, mas acrescentaram que era melhor do que os padres progressistas que desejam destruir a igreja. Outros não quiseram opinar sobre o assunto, por “ser extremamente delicado”.

“Ora, Osborne não é também padre ‘progressista’? Porventura não cuida do seu enriquecimento e, portanto, do seu próprio progresso? Referindo-se a gente como ele e aos ‘outros’, certamente foi o que o Santo Padre desabafou: ‘Dir-se-á que a fumaça de Satanás entrou por uma fresta do templo de Deus’.

Deixando de lado a expressão pitoresca do Sumo Pontífice, que reflecte a situação confusa da igreja pós-conciliar, parece-nos oportuno considerar que a onda de descrença e materialismo que invade o mundo tem raízes profundas no obscurantismo de certas religiões, que ‘criaram’ um Deus exclusivista, irascível e vingativo. O homem culto do século XX, desvinculado de dogmatismos e fórmulas sacramentais, já não quer mais aceitar intermediários entre a criatura e o Criador, do mesmo modo que não concebe uma justiça de dois pesos e duas medidas, concedendo graças aos privilegiados e infligindo penas eternas aos desprotegidos.

Daí o desprestígio da oração. O que é uma lástima. Porque a oração, feita com fé e sentimento, é uma força prodigiosa que abre um caminho de luz entre a Terra e o Céu, atrai o auxílio dos benfeitores do Além, proporciona paz e ameniza sofrimentos.

E como é fácil orar!

Contam que um sábio bispo, ao percorrer o interior de sua diocese, encontrou uma velhinha que só sabia dizer, como prece, a palavra ‘oh!’. O prelado não a admoestou. Aconselhou-a afectuosamente: - Boa velhinha, continua a rezar assim. A tua prece vale mais do que as outras.

Que aprendamos a orar como essa velhinha, pois prece não consiste precisamente em palavras. Pode até prescindir delas.

Já dizia Victor Hugo:

“Alguns pensamentos são preces. Há momentos em que, qualquer que seja a posição do corpo, a alma está de joelhos”.

E não nos esqueçamos de pedir a Deus que se apiede do Reverendo Osborne e seus sequazes.

AURELIANO ALVES NETTO

(In: Revista portuguesa ‘ESTUDOS PSÍQUICOS’, ora desaparecida, em Julho de 1977).

*

ESPIRITISMO: PROGRESSO E RENOVACÃO

Recentemente, (1982), as grandes agências internacionais de informação distribuíram pelo Mundo uma notícia retumbante: Leónidas Bresnev, Chefe de Estado Soviético, encontrava-se adoentado há bastante tempo, não se restabelecendo apesar dos persistentes cuidados médicos a que era submetido; recorrendo, porém, à intervenção da sensitiva caucasiana Eugénia Davitaschvily, dela recebendo passes magnéticos, rapidamente experimentou melhoras e recuperou a saúde.

A fonte noticiosa de que nos socorremos não pormenoriza qual a interpretação científica dada pelos especialistas soviéticos ao acontecimento, mas refere-se a numerosos sucessos terapêuticos daquela médium, agora famosa e mais conhecida apenas pelo nome de Tschouna.

Inicialmente, os fenómenos desta natureza eram por muitos centros universitários interpretados em termos estritamente materialistas. Mas em 1960, na faculdade de Parapsicologia da Universidade de Leninegrado, a interpretação puramente materialista da vida psíquica sofreu um rude abalo e começou a ser

afastada cada vez com mais segurança. Até então, os fenómenos de telepatia eram geralmente explicados como efeito de ondas electromagnéticas do cérebro; os reputados investigadores daquela Universidade, professores Bechterev e Vladimir Vassiliev, decidiram pôr à prova essa tese, colocando um telepata dentro duma caixa Faraday, pois é sabido que toda e qualquer indução electromagnética se propaga na periferia, apenas, das caixas Faraday, nunca penetrando no seu interior. Para surpresa dos investigadores, o telepata continuou a captar mensagens **dentro** da caixa, tal e qual como sucedia fora dela. Forçoso concluir, portanto, que não eram de natureza electromagnética as ondas mentais que ele recebia.

Aturadas experiências, até à exaustão, vieram a confirmar a descoberta e levaram o venerando professor Vassiliev, assim como a Parapsicologia soviética em geral, a reconhecer o elemento espiritual do homem como absolutamente distinto da natureza física e das suas propriedades.

Mas já antes Henry Margenau, professor de física na Universidade de Yale, afirmara com plena convicção: “Em fins do século XIX chegou-se a pensar que toda a interacção envolvia objectos materiais. Hoje já assim não se pensa. Sabemos agora que **existem campos absolutamente imateriais**”.

Por sua vez, em 1928, o astrónomo britânico Sir Arthur Eddington, deduzia na sua obra ‘A Natureza do Mundo Físico’: “**A matéria-prima do Universo é o espírito**”.

Directa ou indirectamente, todas estas investigações e conclusões, assim como tantas outras semelhantes pelo Mundo fora, têm como notório precursor e catalisador o Espiritismo. Allan Kardec perguntou aos seus nobres mentores espirituais:

“Qual dos dois, o mundo espiritual ou o mundo corpóreo é o principal na ordem das coisas?” “O mundo espiritual, que preexiste a tudo e a tudo sobrevive”, responderam os bons espíritos, como consta da questão 85 de ‘O Livro dos Espíritos’, publicado em 18 de Abril de 1857; isto é, vai para 125 anos.

(Na nossa palestra do mês passado) definimos o Espiritismo e discorremos um pouco, também, sobre o que ele não é. Dissemos que ele não constitui uma pretensa arte de invocar os «mortos», e que o principal objectivo dele somos antes nós próprios, os «vivos» que o estudamos e praticamos, pois o Espiritismo destina-se a aperfeiçoar o Homem, individual e socialmente, ajudando-o a elevar-se para Deus.

Falamos do velho conflito entre ciência e religião e de como o Espiritismo, quiçá pela primeira vez na história da Humanidade, veio conciliá-las. Sim: na sua tríplice qualidade de ciência, filosofia e religião, o Espiritismo quer uma fé raciocinada e pensante, apoiada em verificações experimentais e não em superstições ou crença irracional.

O Espiritismo é, pois, religião, mas obviamente actualiza e reabilita o conceito de religião, pelo novo e importante facto de a harmonizar com a ciência. Na verdade, o Espiritismo não é religião no sentido de rituais e liturgias, não é religião no sentido de hierarquias institucionais, não é religião no sentido de altares, no sentido de dogmas e artigos de fé. O Espiritismo é religião em espírito e verdade, em sentimentos e pensamentos; é religião no sentido da **religião**, de união, dos seres entre si e com o seu Criador, em moldes racionais, dignos do progresso real da Humanidade.

Já aqui referimos a caridade como a virtude cristã que mais caracteriza o Espiritismo. É a virtude em torno da qual Jesus Cristo mais amplamente discorreu, abordando-a e exemplificando-a pelos mais variados ângulos e sobre ela edificando a estruturação dialéctica do Seu magistério. O Bom Pastor resumiu na caridade “toda a lei e os profetas”.

Mas o Espiritismo não se limita a proclamar que “Fóra da caridade não há salvação”. Ele ajuda-nos a compreender racionalmente a profundidade da conceituação evangélica e a reconhecer o seu conteúdo científico.

O magistério de Jesus não supõe a intenção de constituir **mandamentos** arbitrários dum qualquer deus tirano, nem artigos de crença formal e obrigatória; antes representa um manual de instruções sobre a dinâmica profunda da natureza humana, um sábio manual para tirarmos o rendimento máximo da Vida plena, maravilhosa criação divina, e nela nos integrarmos correctamente, isto é, em harmonia com as linhas de força da ascensão para Deus. Esse, o sentido profundo do magistério evangélico. Com o espírito do Espiritismo, se me é permitida a expressão, melhor compreendemos o conteúdo realmente científico desse magistério de amor, imaculado de autoritarismos doutrinários e do aberrante “crê ou morres”.

Era simples a linguagem do Rabi da Galileia, que tinha de falar ao alcance da nossa exígua capacidade intelectual de então; mas, efectivamente, os seus conceitos encerram verdade científica.

O conceito evangélico do amor, que vai até ao perdão das ofensas e a retribuir o mal com o bem, não é fantasia sentimental nem imposição delirante, mas... **lei natural**. Amar os inimigos pode ter toda a aparência de loucura, mas a realidade profunda é

bem outra: em termos de pura psicologia objectiva, o único meio de destruir um inimigo é amá-lo. Matar fisicamente um inimigo é matar-lhe apenas o corpo e adquirir um adversário ainda mais encarniçado, um impiedoso carrasco invisível. Em definitivo, só há de facto um processo radical de destruir um inimigo: amá-lo, transformando-o em amigo.

A psicologia científica conhece o tremendo potencial da mente humana. O pensamento é, efectivamente, uma energia, sobre cujo imenso poder para o bem ou para o mal, Jesus expendeu reiteradas considerações e ensinamentos. Ele ensinou-nos que o homem é aquilo que pensa; e a moderna psicologia, com os seus portentosos recursos, quase vinte séculos depois chegou à mesma conclusão.

Procuremos exemplificar.

Suponhamos que sou um espírita modelar, que o mesmo é dizer: um bom cristão. À noite vou recolher-me ao leito e faço as minhas orações, com um pouco de meditação e exame de consciência. Lembro-me que, durante o dia, tive um incidente desagradável, por exemplo, com um colega de serviço; revivo aqueles momentos de tensão, mas logo peço a Deus serenidade e lucidez. Fui incompreendido ou mesmo ofendido mas, para estar com sinceridade diante do Pai, sei que devo querer bem ao meu colega e não lhe guardar ressentimento. Ent~ço, oro: “Pai, inspira o meu irmão Fulano, ajuda-o a reconsiderar com equilíbrio e lucidez; dá-lhe paz, Senhor, liberta-o de possíveis más influências, faz vir ao de cima as suas boas qualidades.” E vou mais longe, pois sei (por exemplo) que ele tem certos problemas com um dos filhos: “Pai, compadece-te do meu irmão, protege-o e inspira-o no trato com o seu filho; ajuda-o a superar com êxito essas dificuldades, abençoa, Senhor, a sua vida, abençoa o seu lar”.

Faço esta prece com sinceridade e perfeito recolhimento, bem concentrado; e que acontece?

Aparentemente, nada; o meu colega está longe, noutra bairro ou mesmo noutra localidade, talvez acomodado no cadeirão predilecto em sua casa e não dá conta de nada, nada vê.

Mas o que real e efectivamente se passa é muito diferente: ele nada sabe apenas na área consciente da sua mente; porque, na área subconsciente, está a captar tudo, está a receber as vibrações ou ondas do meu pensamento, pode até sentir um certo bem-estar e, sem saber como, começa a pensar em mim, julgando que “por acaso”; evidentemente não se trata de acaso, mas de sintonia com a minha onda mental.

Mas ele vai pensar bem ou mal? Vai pensar a meu respeito, favorável ou desfavoravelmente? Com certeza vai pensar em mim favoravelmente e vejamos porquê.

Neste caso funciona uma lei de correspondências vibratórias, semelhante ao que se passa no domínio da acústica. Se tivermos vários pianos numa sala de adequadas condições acústicas e ferirmos qualquer nota num só dos pianos, seja o ré, por exemplo, o ré dos outros pianos também soa, porque em todos eles a corda do ré encontra-se esticada na tensão exacta daquela nota. Se ferirmos o mi, fá, etc., vai acontecer o mesmo.

Com os sentimentos humanos, naturalmente, é isso mesmo que também acontece. No exemplo apresentado, eu estou a emitir para o meu colega vibrações mentais de amor, compreensão, fraternidade; elas vão ao encontro do destinatário e fazem ressoar nele fibras dos bons sentimentos correspondentes. Ele tende,

então, a pensar em mim com simpatia, começa a admitir que teria sido injusto, excessivo; começa a lembrar-se que eu até lhe fui prestável certa vez, que outros colegas me reconhecem qualidades, etc., e tem pena da sua atitude para comigo, começa a pensar qual a maneira de rectificar a má impressão que me causou.

No dia seguinte, se nos encontramos, notamos que se formou uma tensão de simpatia entre nós; notamos tendência para gestos de cooperação, de bom convívio mútuo, para uma feliz normalização do nosso relacionamento; e até parece que se vão conjugando todas as circunstâncias para entre nós se estabelecer uma salutar compreensão e amizade.

Isto ensina-nos a teoria e é exactamente o que a experiência da vida confirma. Graças a Deus e ao emprego dessa técnica espiritual, entre excelentes amigos que muito prezo, tenho alguns que anteriormente estiveram em risco de se tornarem meus inimigos ou chegaram mesmo a sê-lo.

Imaginemos, agora, uma situação inversa.

Fui ofendido pelo meu colega, mas agora, em vez de sofrer o orgulho e o ressentimento, vigiando e orando, entrego-me, antes, ao remoer daquela cena desagradável, abandono-me ao rancor e à intolerância, a todos os sentimentos mais hostis e agressivos contra o que considero “meu inimigo”; mentalmente, fabrico cenas e situações em que ele é castigado, pelo desaire, pela humilhação, pela desconsideração geral. Que acontece agora?

Também aqui o meu inimigo está longe, recostado no cadeirão predilecto em sua casa e, aparentemente, não sabe de nada. Mas, na realidade, sucede algo de terrível: na sua mente subconsciente ele é atingido pelas ondas malélicas do meu

pensamento, pode até sentir um indefinido mal estar, uma dor de cabeça; se, por exemplo, tem alguma carta para escrever, a tarefa sai-lhe mal e sem inspiração, vê-se obrigado a desistir. Começa a pensar em mim, julga que 'por acaso' mas, efectivamente, o que se passa é a sintonia dele com as formas-pensamentos de rancor que eu estou a emitir contra ele. E como pensará ele acerca de mim: favorável ou desfavoravelmente?, pois o rancor venenoso da minha onda mental vai naturalmente accionar também as fibras nervosas do meu inimigo. Elas vibram no mesmo tom inspirando-lhe, por sua vez, pensamentos intolerantes e agressivos contra mim. Se um familiar lhe diz alguma coisa, mesmo sem importância, debaixo daquele estado de espírito ele tende a responder com enfado e brusquidão, turvando o ambiente, tornando-o tenso e pesado. Lá longe, em minha casa, a mesma coisa. E ali estamos dois loucos, dois insensatos, a bombardear-se à distância, mutuamente, com ondas mentais pestilentas, portadoras de mal-estar, doenças, perturbação.

No dia seguinte, se nos encontramos, há uma situação extremamente desagradável; cada um de nós parece que viu o diabo, pensa logo que o dia começa mal. E começa mesmo: o nervosismo pode fazer-nos perder uma chave ou um documento, ou esquecer uma obrigação, ou colocar mal um pé e sofrer um tropeço ou uma entorse; enfim, sentimo-nos em maré de azar porque nos encontramos envoltos num turbilhão de ondas mentais funestas, tanto as nossas próprias como as provindas do nosso inimigo, e mais as outras que ambos assim atraímos com a demência do nosso orgulho e egoísmo.

Tudo isto se tinha evitado se, com a ajuda de Deus, tivéssemos sabido perdoar e pagar o mal com o bem, a falta de caridade com a caridade.

Muito se tem discorrido sobre o extraordinário valor da tolerância e do perdão. Ele é-nos exaltado na Psicologia aplicada, na arte literária, nos cursos de relações humanas, enfim, na própria escola da vida. E acredito que, se me fora permitido aconselhar alguém, o meu maior conselho seria: amigos, jamais permitamos que o veneno do rancor e do ódio se instale na nossa mente! Neste mundo em que vivemos, e que é aquele que merecemos, é natural depararmos, por vezes, com situações amargas, tendentes a atear-nos aqueles sentimentos altamente tóxicos; sim, é natural mas, tão logo nos seja possível reequilibrarmo-nos, não percam tempo: recolhamo-nos em oração, endereçando aos salteadores da nossa paz pensamentos de perdão, de compreensão, de amor.

O supremo instrutor da Humanidade assim no-lo ensinou, não só por palavras mas, também, com toda a sua vida e na sua própria morte. Crucificado num madeiro, exposto a maus tratos e escárnios torpes, Ele não pensou em si, de nada se queixou: antes, condoído da demência dos carrascos, afligindo-se com a sementeira de dores que faziam para si mesmos, Ele reuniu as últimas forças corporais e soltou uma prece repassada de piedade: **Pai, perdoa-lhes; eles não sabem o que fazem!**

Jesus, com as prerrogativas da sua elevadíssima condição espiritual, tinha poder mais do que suficiente para reduzir a pó a soldadesca romana e o clero judaico empenhado na Sua morte. Mas era Jesus. Amava, na verdade, aqueles dementados, preocupava-se com o resgate deles e não com represálias. Ele sabia, como sabe hoje a Psicologia moderna, que quem usa violência está desequilibrado e doente, ansioso por iludir com aparências externas a inconfessa fraqueza e insegurança que lhe tumultam no íntimo. Por isso, em plena agonia, Jesus condeu-se, amou-os ainda mais ante o Seu e nosso Pai, intercedendo por eles com sinceridade e eficácia.

Décadas ou séculos pouco são, no curso multimilenar da evolução humana.

Daqueles que no drama do Calvário actuaram como verdugos, sem piedade, podemos afirmar que a grande maioria, senão na totalidade, cedo ou tarde se renderam à incomparável doutrina da vítima inocente que supliciaram. Longuinhos, o oficial romano que lhe varou o peito com uma lança, ainda nessa mesma existência aderiu ao Cristianismo e, em encarnações seguintes, confirmou-se devotado servidor de Jesus.

A última foi no século passado: narra Humberto de Campos, na obra mediúnica “Brasil, coração do Mundo, Pátria do Evangelho” que ele aceitou, pronta e abnegadamente, o convite para uma espinhosa missão terrena, como imperador do Brasil recém-independente; notabilizou-se pela nobreza e generosidade, mesmo na queda do seu reinado, pela implantação da República (1889).

O próprio Judas Iscariotes, em ulteriores regressos à vida terrena, soube reabilitar-se em acrisolada fidelidade ao Mestre, até ao glorioso martírio como Joana d’Arc (1431).

Corroborando o entendimento racional do Evangelho à luz do Espiritismo, a Ciência demonstra hoje que importa cuidarmos da nossa higiene mental, vigiando, para que dinamismos poluentes como o ódio, a inveja, o medo, o ressentimento, não vicejem no nosso clima psíquico.

Tal como todos os factos e todos os seres, no Universo também a sorte e o azar são regidos por leis. Se cultivarmos com perseverança o ideal evangélico do amor, alimentaremos em torno

de nós um saudável bio-campo de energia subtil, cuja natureza nos imunizará de muitos sofrimentos, danos, malefícios. E participaremos activamente na nobre função história do Espiritismo, que é a renovação da Humanidade – a começar por nós mesmos.

JOÃO XAVIER DE ALMEIDA

(Palestra proferida em 22/2/1982 na Associação ‘Luz no Caminho’, de Braga, e publicada em Maio do mesmo ano na Revista Espírita portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, ora desaparecida, de onde a transcrevemos. À data da palestra era Presidente da Federação Espírita Portuguesa).

*

SENHORA!

Senhora!

Deixa que me recolha
No teu regaço de Mãe amorosa
Quando mais pesarosa
A vida não me dê escolha
E tenha de seguir em frente,
Triste, dolente,
Sem forças para o que há-de vir!
Deixa, Senhora,
Que me embale no teu peito
No mesmo jeito
Com que embalaste Jesus!
Eu sei que me falta a Luz
De Teu Filho tão amado,
Mas carregando o pecado

Dum Ser ainda imperfeito,
Sou Tua filha também,
E pela dádiva de Teu Filho
Tu também és minha Mãe!...
Beijo tuas mãos que se unem
Pedindo por multidões,
Implorando mil perdões
Para os trânsfugas de Deus...
Somos todos filhos teus!,
Somos criaturas dos céus
Buscando, procurando a Luz...
Somos irmãos de Jesus!
Então, Senhora,
Deixa que eu me recolha
Hoje e sempre – eternamente –
No teu colo de Mãe amorosa,
E ainda que pesarosa
Deixa que te chame também
Hoje e sempre ... MINHA MÃE!

MANUELA

*

UM CONTO DE VEZ EM QUANDO...

A LENDA DAS SETE TÚNICAS

Reza uma lenda antiga, que li na minha imaginação de MAGA, ou na minha inspiração de mulher que, em um dia qualquer, em um momento qualquer, num tempo qualquer (porque

para os Espíritos o Tempo não existe), Maria deu a Jesus a Túnica da Pureza, dizendo-Lhe com meiguice:

- Veste, Filho Amado!

Depois, por ordem divina, três Anjos também O presentearam com as túnicas da Fé, da Esperança e da Caridade.

Em seguida, São José (ou simplesmente José), com muita suavidade entregou-Lhe a Sua própria túnica, a túnica da Humildade.

Então, sorrindo, Jesus falou, cheio de encanto:

- Para quê, tanto?!... Graças Te dou, ó Pai! Para quê, tanto? Rendo-Te graças, oh Deus Verdadeiro, mas permite que eu reparte minhas túnicas com o mundo inteiro!

De repente, antes que Deus Lhe respondesse sim ou não, ouviu-se por toda a parte um terrível trovão... e a Humanidade que Ele ajudou a formar, a HUMANIDADE tão sua, cheia de sarcasmo e cinismo, atirou-lhe a túnica da Ingratidão e disse-Lhe:

- Veste! Ela é tua, irmão É isso que mereces por Tua intercessão e Tuas preces em nosso favor!... É esse o nosso pagamento pelo eu sofrimento e por tanto amor!

Jesus, perdão infinito e infinito Amor continua e continuará, apesar de tudo, a repartir suas túnicas connosco, até que nos amemos uns aos outros, como irmãos, como cristãos, para que esta Terra viva em paz, o Mundo seja só Amor, ninguém sofra mais e este planeta (o Seu Planeta) seja apenas som, alegria, luz, beleza, harmonia...

Quanto à sétima túnica, quando Jesus subiu definitivamente aos Céus, Ele a recebeu do Pai, que mais uma vez abençoou e O glorificou para sempre, em Sua Glória, em Sua Luz, em Seu Amor.

CLARA LUZ
(Rio de Janeiro – Brasil)

(In: Revista COMUNHÃO, nº. 125 de Março/Abril de 2002).

*

AMOR E VERDADE

Não nos esqueçamos de que o Espiritismo é Jesus, que retorna ao convívio dos homens através do Evangelho da redenção, reajustando-nos para os sagrados objectivos da vida.

Para entender-lhe a excelsitude, não basta nossa devoção ardente à Verdade, mas, sobretudo, nossa incessante consagração ao Amor, a fim de que a luminosa cúpula de nossas realizações não venha a ruir por falta de base.

Em nosso campo de acção, por isso mesmo, é imprescindível cultivar po entendimento fraterno, para que o nosso ideal de humanidade fulgure em nossos braços, palavras e atitudes.

Nunca será demais olvidar a compaixão que nos cabe movimentar intensivamente em favor da eficiência e da segurança de nossas tarefas.

Saibamos compreender e auxiliar.

Aqui, é uma ferida que nos pede bálsamo refrigerante; ali, é um problema aflitivo a requisitar-nos socorro; mais além é a dor em desespero, a exigir-nos benevolência e carinho.

Efectivamente, não podemos subestimar a Verdade, Verdade que determina a cura e a solução para todos; entretanto, para aplicá-la, não prescindiremos da bondade que auxilia, infatigável, para que o irmão de luta aprenda a recuperar-se.

Os médicos não desferem golpes indiscriminados sobre as úlceras que lhes reclamam perícia operatória. Agem com cuidado, restringindo os ciclos do sofrimento com a medicação anestésiante.

Os professores não arremessam pancadas sobre o crâneo dos aprendizes, em pleno viço da infância, para que o alfabeto lhes alcance compulsoriamente a cabeça. Usam a paciência e a ternura, administrando, cada dia, a lição que lhe é própria, a fim de que o tempo e o esforço realizem a obra-prima da educação.

Que dizer do escultor que trabalhasse o mármore com a picareta, em lugar do buril, ou do pintor que usasse uma lâmina em brasa ao invés do pincel?

A Verdade é Luz.

Entretanto, o Amor é a própria Vida.

Nele temos a imagem da água pura que transforma o deserto em jardim.

Façamos, então, da própria alma uma fonte amiga de compreensão e fraternidade, recebendo nossos companheiros de jornada tais quais são e, filtrando para cada um deles a benção da Verdade no vaso do Amor puro, estaremos trilhando o caminho do Cristo, o eterno Benfeitor, que, na exaltação da Verdade, aceitou o supremo sacrifício de si mesmo, na cruz da renúncia e da morte, por acendrado Amor à humanidade inteira.

EMMANUEL

(In: VERDADE E AMOR, Francisco Cândido Xavier/Espíritos Diversos. Ed. CEU/FEB em 2014.- Brasil).

*

DIVAGANDO...

Enquanto fomos transcrevendo o artigo acima, do iluminado Espírito Emmanuel, vieram-nos à mente umas palavras lidas há pouco num livro espírita, numa página em que o seu autor comentava, criticando, os dirigentes dos Centros Espíritas, quase todos eles freiras e padres em reencarnações anteriores, e chamando aos Centros templos igrejeiros.

É possível que tal aconteça num ou outro Centro Espírita, mas em todos eles – pelo que sabemos – tem havido a

preocupação do estudo e estudo significa cada um debruçar-se sobre a Doutrina Espírita, que é Filosofia, Ciência e Moral – e na própria Moral encontramos Filosofia e Ciência...

Aquele comentário fez-nos lembrar os exilados de Capela, que tiveram de voltar à Terra para aprenderem o Amor, sendo, entretanto, espíritos intelectualmente muito desenvolvidos e sábios – e o Amor, o Homem aprendeu-o com Jesus, até mesmo quando recomendou *Amem-se uns aos outros como Eu vos amei*. Saberemos amar, vivenciando o verdadeiro Amor sem estarmos – sermos – moralizados?

Por outro lado, lembrámos, também, que, há alguns anos atrás, houve Centros que quiseram ‘irradiar’ Jesus não só das suas palestras como da própria Doutrina... e nós perguntamo-nos, sem aguardarmos qualquer espécie de resposta, como seria possível este último facto, se:

1º - a Doutrina Espírita é o Consolador anunciado por Jesus que transmitiu ao Homem, através do seu Codificador, Allan Kardec, todo o conhecimento que o Paraclito, sob a Égide do Espírito da Verdade – o próprio Jesus – entendeu por bem mandar para os humanos terrenos.

2º . Se a Doutrina Espírita veio para a transformação do Homem, como é que ele se poderá transformar sem se moralizar?, Porque...

3º - ... a Moral Espírita transmite-nos e explica-nos – coisa que nenhuma religião faz – os ensinamentos que Jesus transmitiu ao povo e aos apóstolos, há dois mil anos atrás, e que no Novo Testamento não se encontra, pois não há ali qualquer comentário explícito às parábolas do Divino Amigo.

Então, quanto a nós, a Doutrina Espírita, ou Espiritismo não existiria sem Jesus – o mesmo Jesus que, afinal, nos seus ensinamentos, nos revela uma filosofia crística que não encontramos em mais nenhum evangelizador.

Centros Espíritas = templos igrejeiros?!?! Explique alguém, que nós não percebemos, como é que se pode ser espírita sem nos debruçarmos sobre os ensinamentos do Divino Amigo, e como é que cada um poderá moralizar-se sem esses mesmos ensinamentos?!

Quando Jesus afirmou *EU SOU O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA* não estaria, **realmente**, a afirmar que **todos** precisamos d’Ele e dos seus ensinamentos, procurando seguir os seus exemplos, para alcançarmos o Pai? ... ou, será possível alcançá-LO, ao Pai, sem nos tornarmos ‘messianicamente’ melhores?

Às vezes, encontramos opiniões onde o erro não consegue ser uma virtude...

MANUELA VASCONCELOS

*

POEMA

Eu queria ter fé, encontrar em Deus
Um Pai que fosse Bondade e Amor;
Para minha tristeza erros meus
Só percebia o Senhor castigador!

Clamava auxílio, implorava perdão,
E meu sofrer era sempre maior;
Ninguém estendia para mim a mão
E meu caminho era de choro e dor!

Os homens gritavam: - “Tem de ser assim!
Não podes fugir, Ele não o quer”...
Eu implorava do sofrimento o fim,
Só me respondia o silêncio que fere...

Perdi a pouca fé... d’Ele me afastei
Até que encontrei uma religião dif’rente:
Aprendi que colhia como semeiei
E que Deus é Pai para tod’a gente!

Debrucei-me sobre a Grande Revelação,
Que era apenas o Consolador,
Onde Jesus a todos dá a mão,
A todos ajuda a suportar a dor!

Bendito o Espiritismo que se me revelou!
Bendita a Doutrina que o Paraclete doou!

M. V.

ACTUALIDADE

Os jornais e outros órgãos de comunicação trouxeram até nós a notícia da criança que ficou esquecida no carro, pela sua mãe, ali acabando por desencarnar.

Não queremos, realmente, pensar no sofrimento daquela mãe ao considerar e recordar o acontecido, talvez provocado por um excesso de nervos perante um dia que começava e onde se sentia já tão assoberbada de responsabilidades?! Talvez o excesso de preocupações... Talvez... talvez...

Lembramo-nos, no momento, o quanto os confinamentos que o Governo nos impôs “obrigou”, a que pais e mães convivessem mais conjuntamente e não apenas naquelas horas em que se ia levar ou trazer um filho à (da) escola ou creche... porque as outras horas em comum, eram vividas a correr, pouco ou nada relacionadas com o amor, o carinho, mas com o tem que ser... Eles não pediram para nascer!!!

Felizmente, nem em todos os lares isto acontecia, mas também sabemos que, isolamento acabado, muitos pais “desistiram”, por não aguentarem mais a situação, enquanto outros, felizmente, “descobriram”, no relacionamento a que foram forçados, uma convivência que desconheciam e se revelou doce e feliz. Estas situações, umas e outras tão diferentes e com conclusões diferentes também, fez-me recordar uma notícia que lemos há alguns anos, passada com uma professora... e um aluno. Ela, a professora, determinara como trabalho para casa, que cada aluno fizesse uma redacção sobre o tema do que “quererem ser quando fossem grandes”. Normalmente, mediante a maneira de ser de cada um, haveria matemáticos, engenheiros, médicos,

professores... O que ela, a professora nunca esperaria, era ler numa das redacções: EU QUERIA SER TELEVISÃO. Porquê, uma coisa destas? Um excesso de tendência informática? Mas isso estaria mais relacionado com os computadores, até mesmo com os telemóveis... Seria por causa dos programas... talvez algum em especial?... Na dúvida, ela chamou a criança e pediu-lhe que explicasse melhor – mesmo porque não tinha tido tempo de ler o seu trabalho... Porquê, meu querido, seres televisão?

E com as palavras acompanhadas por uma ou outra lagrimita que, volta que não volta, lhe assomavam à janela dos olhos, a criança explicou:

- ... porque, quando estou em casa, nunca posso falar: o primeiro lugar é sempre da T.V.. O meu pai, quando chega a casa, senta-se, pega no jornal e liga o aparelho... se há futebol, não posso falar: ele quer ouvir o relato, para saber quem ganha... Depois, quando o relato acaba, ou outro programa que estejam a dar, sentamo-nos à mesa: é hora das notícias, também não posso falar... Depois, quando o jantar acaba, é hora de fazer os trabalhos de casa, decorar as lições... também não posso dizer nada... Depois, quando me vou deitar, vou-me despedir, dar as boas noites... ainda aí, ele está a ver qualquer coisa e quase não olha para mim enquanto o beijo... Então, se eu for televisão, ele vai ver-me, olhar-me, falar comigo quando eu lhe falar! É impossível isto, senhora professora, diga, é?!!!

A professora abraçou silenciosamente a criança e, à tarde, ao sair da escola, levou a redacção e foi entregá-la aos pais do aluno, para que a lessem: não podia fazer mais nada... Fez o melhor!

M. V.

